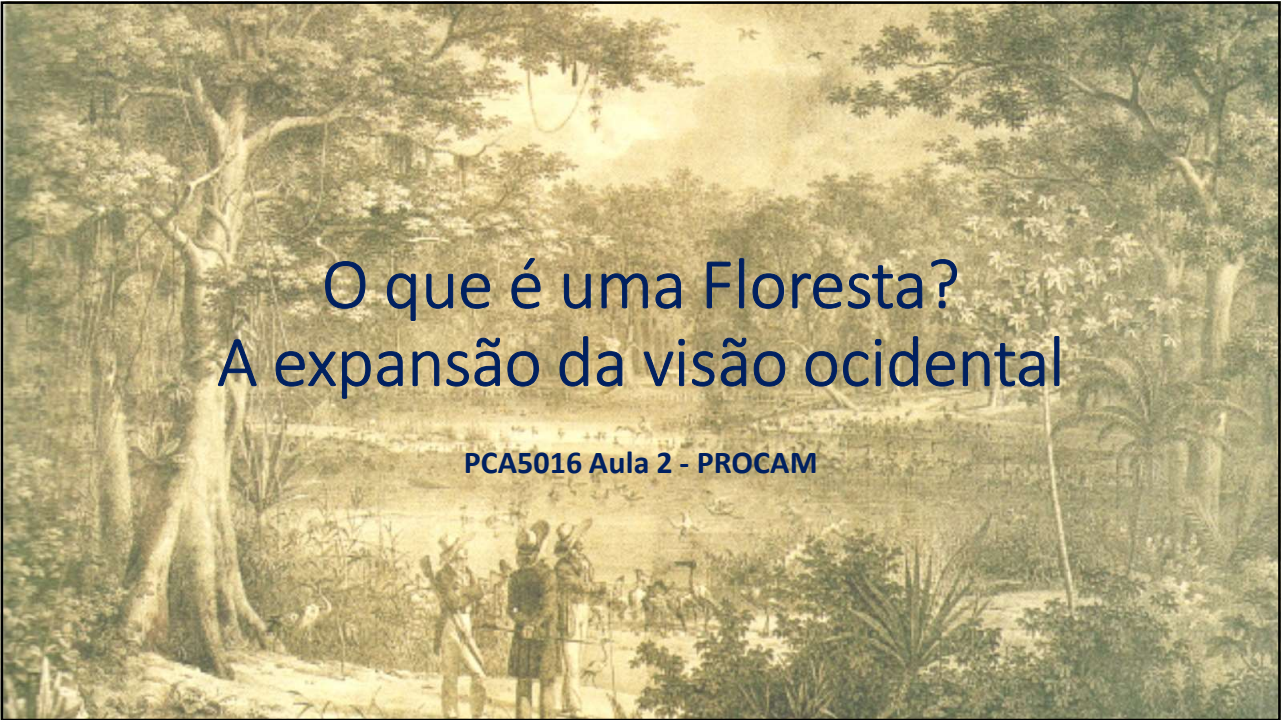




O que é uma Floresta? A expansão da visão ocidental

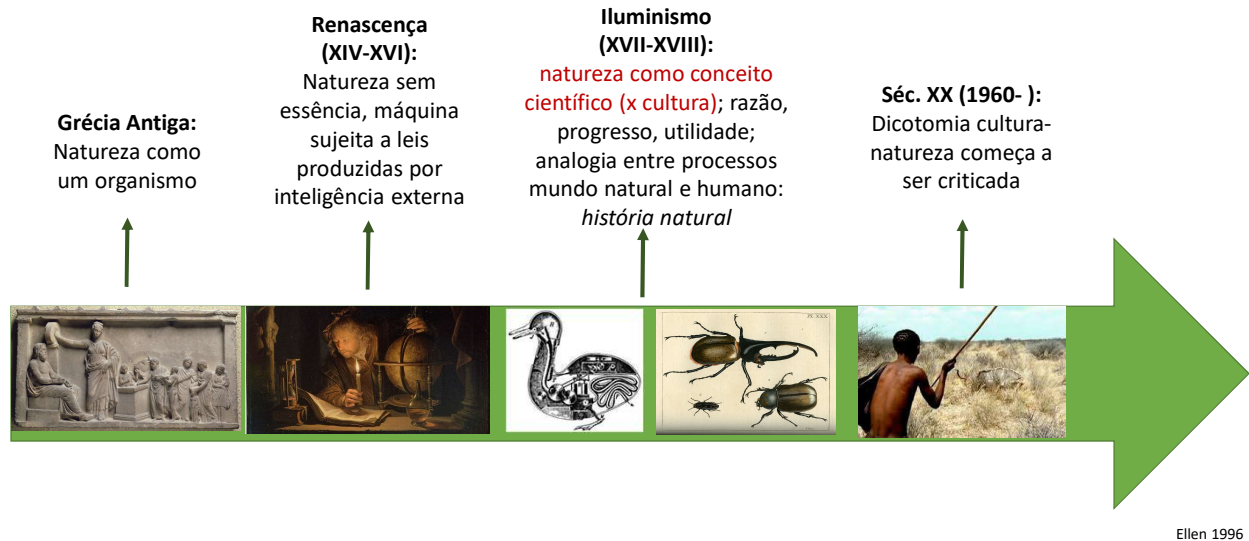
PCA5016 Aula 2 - PROCAM

Roteiro da aula

- Aula expositiva
- Apresentação dos textos pelos alunos
- Debate iniciando com as perguntas-guia



Ciência: a Construção Cultural de Natureza

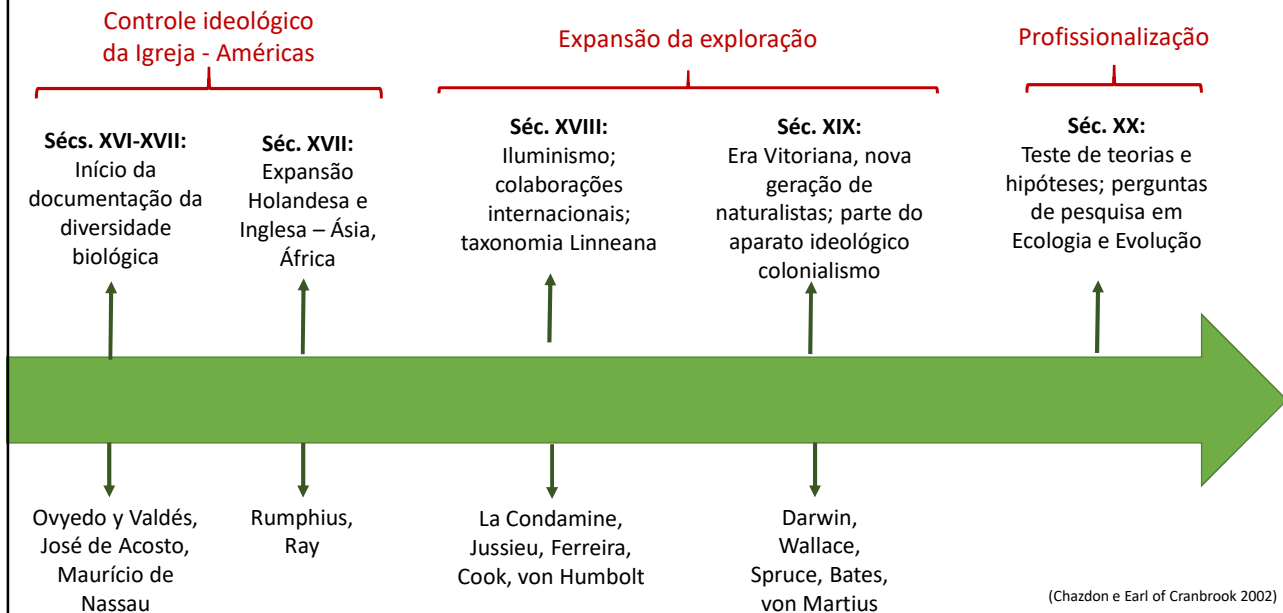


Ciência: a Construção Cultural de Natureza

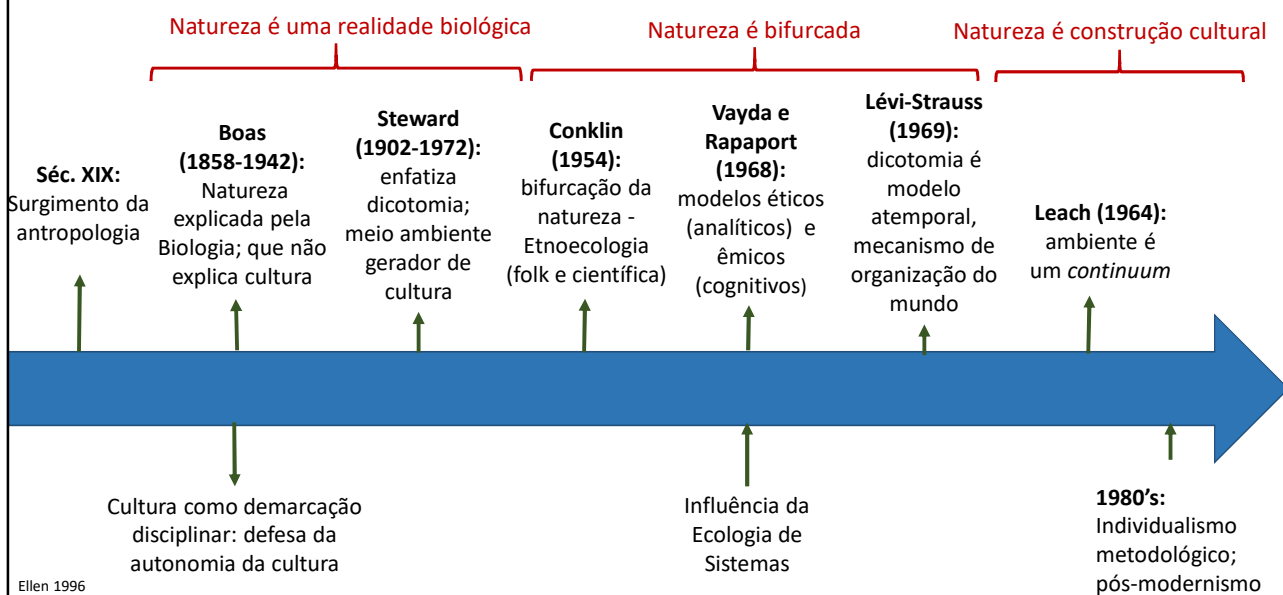
- Sécs. XVII-XIX: conhecimento da natureza é independente da relação com ela
- Conhecimento objetivo: quantificável, mecanizável, experimental
- Fundamenta a Biologia, Antropologia
- Conceitos (natureza, cultura) definidos por tradições filosóficas e disciplinares

(Ellen 1996, Chazdon e Earl of Cranbrook 2002, Wolf 2010)

Biologia/Biodiversidade: Sécs. XVI-XIX



Antropologia: Natureza e Cultura (Séc. XX)



A Expansão do Paradigma Científico: visão eurocêntrica

- Ciência como uma prática *cross-cultural*: mais confiável ou historicamente consolidada?
- Exploradores dotados de curiosidade, capacidade de observar a variação do mundo natural, e de colecionar
- Imperialismo europeu: conquista de novos territórios + conhecimento (militares e cientistas), terras distantes
- Conquista da América - fundante da Revolução Científica: coleta de dados para manter conquista

(Chazdon e Earlf of Cranbrook 2002, Harari 2017)

A Expansão do Paradigma Científico: visão eurocêntrica

- Ciência forneceu conhecimento prático, justificativas ideológicas e aparatos tecnológicos ao projeto imperialista
- Império forneceu apoio: proteção e informações
- Capitalismo: forneceu os recursos

(Harari 2017, Wolf 2010)

Existiria uma propensão natural na espécie humana em separar natureza e cultura?

Apenas humanos comportamentalmente modernos (ca. 40.000 anos AP) possuem domínio do pensamento abstrato em âmbito social, tanto subjetivo, quanto intersubjetivo (rituais, mitos, parentesco, magia, arte, adornos, cosmologias e fala).

Neves et al. 2022

Natureza como um Conceito Cultural

- A natureza é culturalmente construída e definida: torna-se significativa através da prática cotidiana e da cognição (categorização, nomeação de categorias, apreensão intelectual e sensações)
- Há variação temporal e entre diferentes populações
- Tendências cognitivas nos seres humanos (Ellen 1996):
 1. Identificar categorias discretas e perceber padrões entre elas
 2. Estabelecer contraste entre o *self* e o outro
 3. Reconhecer uma essência ou força interna

Ellen 1996

1. Identificação de categorias e padrões

- *H. sapiens* é evolutivamente propenso a identificar categorias discretas
- Quando inventariadas e agrupadas por semelhança, formam um todo denominado *natureza*
- A percepção e a interação ambiental são dominadas pelo sentido da visão (mas... “soundskapes”)
- A linguagem carrega informações sobre percepção e interação (Etnobiologia)



Ellen 1996

2. O Contraste entre o *self* e o outro

- Visão ocidental (opositora):
“o que está fora”, “que pode cuidar de si mesmo(a)”
- Haveria um *continuum* entre a visão ocidental e cosmovisões sem esta oposição

Ellen 1996

3. Reconhecimento de uma essência interna

- Propensão humana de “essencializar” um fenômeno vago ou desconhecido:
 - Reconhecer força externa que pode ser parcialmente controlada
 - Ou característica intrínseca às categorias (essência da vida)
- Entrosamento entre sagrado, sobrenatural, mágico e inconsciente, em todos os aspectos da existência material e espiritual

Ellen 1996, Waldman 2006

Tendências cognitivas levariam a..... dicotomias associadas à natureza

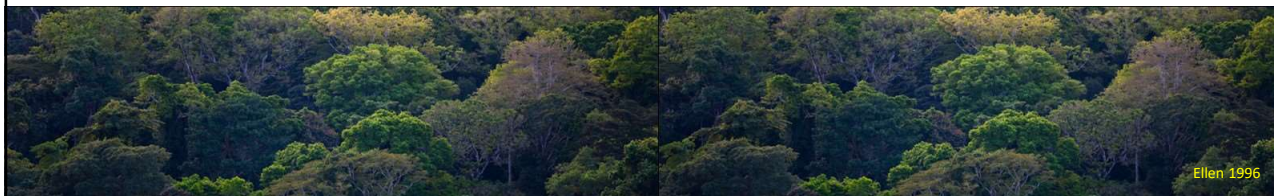
NATUREZA	CULTURA
• OUTRO	• <i>SELF</i>
• INSTINTO	• RAZÃO
• DESCONTROLE	• CONTROLE
• CRU	• COZIDO
• ROBUSTA	• FRÁGIL
• NÃO DOMESTICADA	• DOMESTICADA
• PRODUÇÃO	• CONSUMO

Dicotomias servem como ferramentas descritivas e interpretativas, e...
como veículos ideológicos

Ellen 1996, Dove et al. 2003

Ciência: a Construção Cultural de Natureza

- Como a dicotomia natureza x cultura e vai influenciar na construção cultural do conceito científico de natureza? É baseada em pressupostos:
 1. A Natureza realmente existe como categoria positivista
 2. A Natureza realmente existe, mas só pode ser apreendida através de uma lente cultural
 3. Mesmo que ela não exista como categoria, nossa predisposição a enxergar categorias levaria à distinção Natureza/Cultura



Os Povos Tradicionais são Conservacionistas?

1. Possuem a ideologia, mas sem a prática efetiva – apoio verbal à conservação
2. Estão presentes tanto as práticas sustentáveis, como a cosmologia
3. Práticas culturais sem a ideologia

Almeida e Carneiro da Cunha 2009

Os Povos Tradicionais são Conservacionistas?

- “...populações tradicionais são grupos que conquistaram ou estão lutando para conquistar (prática e simbolicamente) uma identidade pública conservacionista que inclui algumas das seguintes características: uso de técnicas ambientais de baixo impacto, formas equitativas de organização social, presença de instituições com legitimidade para fazer cumprir suas leis, liderança local e, por fim, traços culturais que são seletivamente reafirmados e reelaborados”.

Almeida e Carneiro da Cunha. Populações Tradicionais e Conservação Ambiental.

INTERVALO

QUESTÕES PARA DEBATE

1) Escobar (1998) identifica quatro posições principais produzidas pela rede da biodiversidade. É possível analisá-las a partir dos valores discutidos por Merino-Perez et al. (2018, aula 1)? É possível identificar novas posições na rede da biodiversidade atualmente? Quais?

2) Escobar também apontou para uma literatura crescente, na década de 1990, sobre modelos culturais de natureza de povos tradicionais e indígenas que não são baseados na dicotomia natureza-cultura. O que se pode dizer sobre esses modelos, a partir dos três textos da aula 2? Como eles podem contribuir para a construção de uma visão científica mais ampla sobre as florestas?

QUESTÕES PARA DEBATE

3) Ao discutir o caso dos movimentos sociais negros na região do Pacífico Colombiano, Escobar apresenta uma série de fatores contextuais/estruturais que os influenciaram. Existem fatores em comum com o movimento quilombola/indígena no Brasil?

4) As ciências sociais e biológicas representam dois campos de conhecimento que enfrentam dificuldades para estabelecer um diálogo interdisciplinar sobre biodiversidade e florestas. Entretanto, ambos compartilham da mesma dicotomia natureza-cultura (perspectiva dualista) que também precisa ser superada. Quais caminhos para isso são apontados pelos textos da aula 2? Como podemos relacioná-los com a proposta de A. Tsing (2019, aula 1) de superá-los através de um interesse comum: a diminuição da habitabilidade da Terra como uma simbiose?

MAIS QUESTÕES PARA DEBATE

2. Como as dicotomias influenciam as visões contemporâneas sobre a floresta? Quais são as implicações para a conservação das florestas nativas?

3. Como a dicotomia natureza/cultura se reflete/influencia/aparece em sua área de trabalho ou pesquisa?

6. Em sua área de pesquisa ou trabalho, outras visões de natureza são discutidas/analizadas? Existe algum esforço de estabelecer diálogos com a antropologia/sociologia ou outras perspectivas não científicas de mundo?

Referências Utilizadas

- Almeida e Carneiro da Cunha 2009. Populações Tradicionais e Conservação Ambiental. In: Cultura com aspas.
- CHAZDON R., EARL of CRANBROOK. 2002. Tropical naturalists of the sixteenth through the nineteenth centuries. In: Foundations of Tropical Forest Biology. Classic Papers with Commentaries. Chicago: University of Chicago Press. p. 5-21.
- DOVE et al. 2003. The global mobilization of environmental Concepts: re-thinking the Western/non-Western Divide. In: Helaine Selin (Ed.), Nature across cultures: views of nature and the environment in non-western cultures. Dordrecht: Springer. pp. 19-46.
- ELLEN R. 1996. Introduction. In: Redefining Nature. Ecology, Culture and Domestication, R. F. Ellen and K. Fukui. Oxford: Berg. pp. 1-36.
- ERIKSEN T. H., NIELSEN F. S. 2007. História da Antropologia. São Paulo: Vozes.
- GRIFFITHS T. 2002. How many trees make a forest? Austr. J. Bot., 50: 375-389.
- HARARI Y. N. 1976 (2017). O Casamento entre Ciência e Império. In: Sapiens. Uma Breve História da Humanidade. Porto Alegre: L&PM. pp. 285-314.
- INGOLD T. 1996. Hunting and gathering as ways of perceiving the environment. In: In: Redefining Nature. Ecology, Culture and Domestication, R. F. Ellen and K. Fukui. Oxford: Berg. pp. 117-186.
- KURY L. 2001. Viajantes naturalistas do Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. História, Ciência e Saúde, VIII (Suplemento): 863-880.
- MAYR E. 1982. The Changing Intellectual Milieu of Biology. In: The Growth of Biological Thought. Diversity, Evolution and Inheritance. Cambridge: Harvard University Press. pp. 83-132.
- Naia Morueta-Holmea, b,1, Kristine Engemann, Pablo Sandoval-Acuñac, Jeremy D. Jonas, e, R. Max Segnitz, and Jens-Christian Svenning. 2015. Strong upslope shifts in Chimborazo's vegetation over two centuries since Humboldt. PNAS | October 13, 2015 | vol. 112 | no. 41 | 12741-12745
- OLIVEIRA F. C., ALBUQUERQUE U. P., FONSECA-KRUELV. S., HANAZAKI, N. 2009. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. Acta Botanica Brasiliica, 23(2): 590-605.
- PARDINIP. 2020. Amazônia indígena: a floresta como sujeito. Bol. Mus. Para Emílio Goeldi, 15(1).
- REVISTA HISTÓRIA VIVA. 2010. O Olhar dos Viajantes: o Brasil ao Natural. São Paulo: Duetto.
- REVISTA NOSSA HISTÓRIA. 2004. Mata Atlântica, uma História de Devastação. São Paulo: Vera Cruz.
- WALDMAN M. 2006. Meio Ambiente e Antropologia. São Paulo: Senac.
- WOLFE R. 2010. Introduction. In: Europe and the People without History. Berkeley: University of California Press. pp. 3-23.